

Leonardo Boff*

A economia para crianças de John Maynard Keynes

Nos dias atuais devido à subversão feita por Donald Trump em todos os mercados mundiais, o assunto dominante é a economia e os efeitos das políticas tarifárias impostas por ele. São medidas tresloucadas, aplicadas a toda a humanidade, a 180 países, desestruturando as economias nacionais e prejudicando particularmente a população pobre. Só gente sem coração e sem qualquer senso de humanidade pode tomar medidas desta natureza.

É neste contexto que me refiro ao pai da macroeconomia John Maynard Keynes (1883-1946). Considerado um dos maiores economistas dos últimos tempos, cuja função do Estado, para ele, é o de ser promotor do desenvolvimento ajudou a tirar a Europa da devastação da segunda-guerra mundial e deu rumo à economia mundial. Não via a economia como algo absoluto em si mas no conjunto das atividades humanas. Mostrou-se muitas vezes um radical humanista e como tal com forte carga utópica.

Refiro-me a um texto muito pouco citado. Numa palestra em 1926 dizia: "as divindades

que presidem a vida econômica não pode ser outra coisa que gênios do mal; dum mal necessário que ao menos, daqui há um século (até 2028) nos obrigará a fazer crer a cada um e a nós mesmos que a lealdade é uma infâmia e que a infâmia é a lealdade, pois a infâmia nos é útil e a lealdade não". Em outras palavras, - completava - a humanidade chegará ao consenso de considerar a avareza, a usura e a prudência como indispensáveis para nos tirar do túnel da necessidade econômica a nos levar à luz do dia".

"Só então se alcançará o bem estar geral e será o momento em que nossas crianças e esse é o sentido do meu ensaio "Perspectivas econômicas para nossas crianças" finalmente compreenderão que o bem é sempre melhor que o útil.

"Então nem precisam mais se lembrar de certos princípios, os mais seguros e os menos ambíguos da religião e da virtude tradicional: que a avareza é um vício, que é maldade extorquir os benefícios da usura, que o amor ao dinheiro é execrável".

"Os que caminham seguramente pelo caminho da virtude

e da sabedoria serão aqueles que se preocupam menos com o amanhã. É uma vez mais chegaremos a valorizar mais os fins que os meios e a preferir o bem ao útil. Honraremos aqueles que nos ensinaram a acolher o momento presente de maneira virtuosa e prazerosa, pessoas excepcionais que sabem saborear as coisas imediatas, como os lirios do campo que não tecem nem fiam".

Mesmo que a proposta do humanista do eminentemente econômico não se tenha realizado ainda (irá se realizar?) pois vivemos sob a ditadura do vil metal e da economia especulativa que nada produz a não ser mais dinheiro ainda, deixando grande parte da humanidade na pobreza e na miséria. Perceberá e isso vai continuar valendo que a essência da vida não está no acumular ilimitadamente e no consumir desmedidatamente. Mas o sentido da vida consiste em viver a vida, gozá-la, reproduzi-la, celebrá-la, compartilhá-la com outros.

Isso não é dado pela economia vigente. Numa palavra, é o intútil que conta e não o que é economicamente útil.

Seguramente o sábio huma-

nista e economista Keynes nos tenha revelado a verdadeira natureza da economia, compreensível mais pelas crianças do que pelos adultos.

Hoje perdemos esta perspectiva e somos todos reféns da cultura do capital que nos obriga a gastar nossas vidas e nosso tempo em trabalhar, em produzir e em consumir no contexto de uma sociedade perversa, cujo ideal é a acumulação sem limite e o consumismo, sociedade que transformou tudo em mercadoria, até as coisas mais sagradas ou vitais como órgãos humanos.

A seguir por este caminho, por mais tarifas que o ensandecido Donald Trump castigue a inteira humanidade, iremos, provavelmente, ao encontro de uma grande tragédia, eventualmente de nosso próprio fim. Mercedilmente, pois, não cumprimos o fim para o qual temos sido criados: viver a vida e agradecê-la.

*Leonardo Boff escreveu
com Jürgen Moltmann "Há
esperança para a criação
ameaçada?" (Vozes, 2014);
"Homem: satá ou anjo bom"
(Record, 2008).tf6

EDITORIAL

O Brasil que sempre deu certo

O Brasil está prestes a dar um passo fundamental na luta pela saúde pública com o lançamento da campanha nacional de vacinação voltada a crianças e jovens de até 15 anos. A iniciativa, anunciada pelos ministros Camilo Santana (Educação) e Alexandre Padilha (Saúde), tem como meta vacinar quase 30 milhões de estudantes em mais de 110 mil escolas públicas de norte a sul do país. Trata-se de uma mobilização que, mais do que reforçar a proteção de uma geração, reacende um valor essencial da nossa sociedade: a cultura vacinal.

Vacinar não é uma escolha ideológica. É uma escolha pela vida. Pela proteção coletiva. Pela garantia de que nossas crianças possam crescer em um ambiente onde a poliomielite, o sarampo e tantas outras ameaças fiquem restritas aos livros de história.

Por isso é fundamental que todos os pais e responsáveis saibam que a cada campanha iniciada pelo Ministério da Saúde não é apenas para aquele momento ou para se livrar do vírus naquele instante. E sim para criar barreiras sanitárias e imunitária contra as doenças que podem ser altamente transmissíveis ou que já estavam considerada erradicadas e que voltaram a aparecer, pela ignorância em não se aplicar o calendário vacinal da criança e do adolescente de maneira correta e eficiente.

Nos últimos anos, o avanço das fake news e a politização da saúde abriram espaço para um negacionismo

Brasília x DF

Brasília foi sonhada para ser o centro do poder. Palácio do Planalto, Esplanada dos Ministérios, Congresso, Supremo. Tudo grandioso, organizado com amplos espaços verdes e traços pensados por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Mas, fora desse eixo, o Distrito Federal guarda outra realidade. Um cotidiano que muitas vezes nem parece fazer parte da mesma cidade.

No imaginário de quem mora longe, Brasília é sinônimo de cidade rica, silenciosa e cheia de políticos. Mas o DF é bem mais que isso. Inclui Ceilândia, Sol Nascente, Samambaia, Planaína, Itapoá, São Sebastião e tantas outras regiões onde a vida é outra, o transporte demora, o atendimento no posto de saúde é lento e a sombra de uma árvore vale ouro. E são nessas áreas, as Regiões Administrativas ("RAs", como são conhecidas pelos locais), onde vive a maior

Falar em Brasília sem olhar para o DF como um todo é fechar os olhos para a desigualdade que atravessa as vias da cidade. É esquecer que, além da cúpula dos Três Poderes, há gente pegando ônibus lotado às 5h da manhã para trabalhar. Brasília é símbolo. O DF é vida real. E está mais do que na hora de lembrar disso.

Opinião do leitor

Tarifaço de Trump

Nessa guerra comercial empreendida por Trump, o Brasil juntamente com o Reino Unido, um dos grandes aliados dos EUA, teve uma das menores taxações, com cerca de 10%. Preocupa-me os arroubos proferidos por Lula, que fala sem pensar, e daí a pouco ela poderá subir, afetando a nossa economia.

Luiz Felipe Schittini

Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ALIANÇA PREPARA NOVO MANIFESTO SOBRE AS ELEIÇÕES

As principais notícias do Correio da Manhã em 15 de abril de 1930 foram: Chegam a Madrid informações de um complô contra a ditadura portuguesa, orquestrado por Sá Cardoso e Tamagnini Barbosa. Parlamento belga aprova o Plano Young. Acordo mais distante na Conferência Naval.

Em Roma, inaugura-se exposição sobre arte sul-americana. Antônio Carlos analisa manifesto da Aliança contra as eleições.

HÁ 75 ANOS: PSD PROTELA DEFINIÇÃO SOBRE AS ELEIÇÕES

As principais notícias do Correio da Manhã em 15 de abril de 1950 foram: Partido Comunista Boliviano é posto na ilegalidade. URSS acusa avião norte-americano de travar batalha contra caças soviéticos. Van Zeeland espera formar uma nova equipe ministerial belga.

Observadores da ONU feridos na fronteira com a Bélgica. PSD protela mais uma vez definição sobre as eleições.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niometer Moniz Soárez Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro,

Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.